



# DIZ-ME O QUE COMES

...

*ALIMENTAÇÃO  
ANTES E DEPOIS  
DA CIDADE*



**TÍTULO**

DIZ-ME O QUE COMES... ALIMENTAÇÃO ANTES E  
DEPOIS DA CIDADE

Fragments de Arqueologia de Lisboa 1

**EDITORES**

João Carlos Senna Martinez

Ana Cristina Martins

Ana Ávila de Melo

Ana Caessa

António Marques

Isabel Cameira

**EDIÇÃO**

Câmara Municipal de Lisboa/ Direcção Municipal de  
Cultura/ Departamento de Património Cultural/ Centro  
de Arqueologia de Lisboa

Sociedade de Geografia de Lisboa/ Secção de  
Arqueologia

**DESIGN GRÁFICO**

Ana Filipa Leite

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS:**

ACDPRINT, S.A.

**TIRAGEM:**

250

**ISBN**

978-972-8543-41-9

**DEPÓSITO LEGAL**

426936/17

**LISBOA , 2017**

*Advertência: nesta publicação, o cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa, de 1990 - em vigor desde 2009, é da responsabilidade dos autores de cada texto.*

# As faunas de grandes e médios mamíferos e a alimentação humana na região de Lisboa, do Paleolítico ao Bronze Final

**João Luís Cardoso**

Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

## Resumo |

Apresentam-se as principais informações sobre a natureza das espécies de grandes e médios mamíferos, caçadas ou domesticadas, que foram consumidas pelas sucessivas comunidades humanas pré-históricas que ocuparam a região de Lisboa, desde o Paleolítico Médio, até ao Bronze Final, obtendo-se assim, pela primeira vez, uma visão global da alimentação proteica dessas populações no decurso do longo arco temporal considerado.

**Palavras-chave:** alimentação; Lisboa; Paleolítico Médio, Paleolítico Superior, Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze.

## Abstract |

In this article we present the most relevant information about the nature of the large and medium-sized mammal species, hunted or domesticated, that were consumed by the prehistoric human communities that occupied the Lisbon region from the Middle Paleolithic to the Late Bronze Age. An overview of the protein diet of these populations during this long diachrony is discussed for the first time.

**Key words:** feeding; Lisbon; Middle Palaeolithic, Upper Palaeolithic, Neolithic, Chalcolithic, Bronze Age.

## 1 - ÂMBITO GEOGRÁFICO (Fig. 1)

O âmbito geográfico deste contributo, que o signatário foi convidado a apresentar sob a forma de uma conferência, no âmbito do Colóquio “Diz-me o que comes...”, organizado pelo Centro de Arqueologia de Lisboa/CML, em colaboração com a Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia, em Novembro de 2016, corresponde à área que abarca os actuais concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais e Loures. Nele, tiveram-se em conta apenas os sítios em que coexistiam restos faunísticos com materiais arqueológicos, cuja tipologia permitiu situar aqueles em termos cronológicos e culturais, susceptíveis assim de proporcionarem informação sobre a alimentação humana, no largo arco diacrónico considerado.

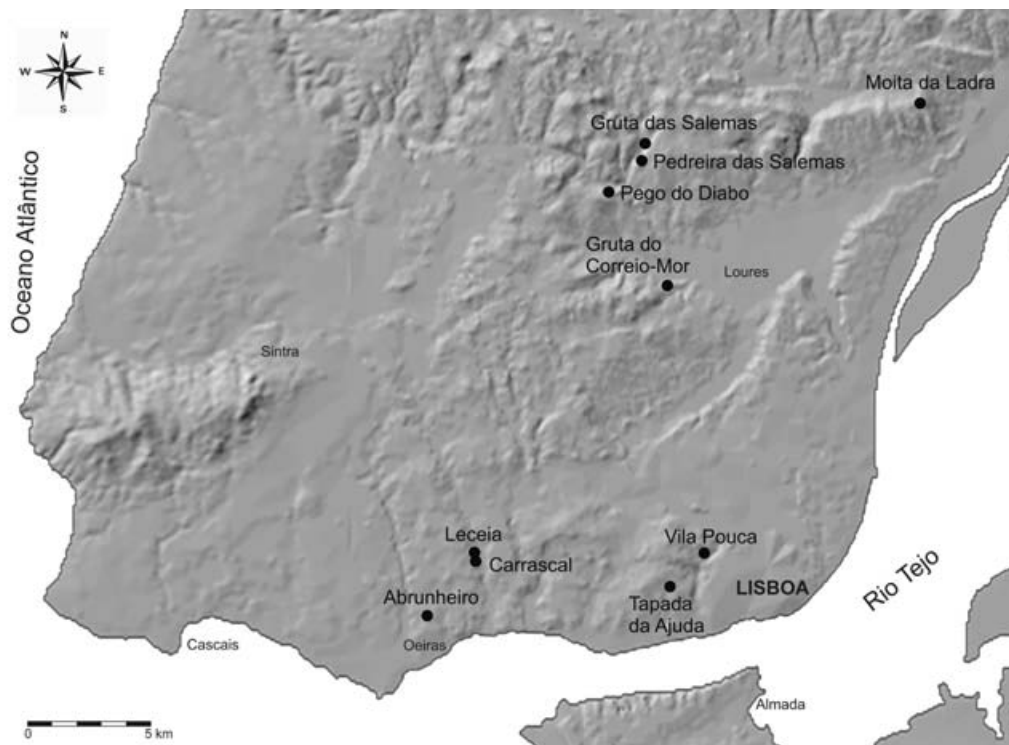


Fig. 1 - Localização geográfica das estações arqueológicas tratadas no presente contributo.

## 2 - O PALEOLÍTICO MÉDIO

### Pedreira das Salemas

Trata-se de uma jazida situada nos calcários cretácicos ocupando uma plataforma elevada entre a ribeira de Loures, profundamente encaixada e a vasta encosta que pende suavemente para o vale do Tejo. As bancadas calcárias apresentam-se sulcadas por profundas fendas de origem cársica formando localmente algares, bem visíveis na frente da pedra abandonada ali existente (Fig. 2).



Fig. 2 - Pedreira das Salemas. Foto de J. L. Cardoso.

Foi a exploração da pedreira que esteve na origem da identificação desta jazida. As fendas cársticas, que podem ultrapassar 10 m de profundidade continham enchimentos argilosos de terra rossa, embalando materiais arqueológicos do Paleolítico Médio e paleontológicos, recolhidos pelos operários no decurso da lavra da pedreira. A estratigrafia do algar principal é a seguinte (CARDOSO, 1993):

C. 5 - terra negra, com indústrias líticas e materiais cerâmicos pertencentes ao Neolítico Antigo (0,50 a 1,20 m de potência).

Localmente observaram-se ossos humanos, datados pelo radiocarbono: ICEN 351 - 6020 +/-120 BP, data que depois de calibrada pela curva de STUIVER e PEARSON (Radiocarbon, 35( 1), 1993, p. 1 - 23), indica intersecção em 4916 cal AC e os seguintes intervalos:

para 1 sigma: 5060 - 4780 cal AC;

para 2 sigma: 5230 - 4670 cal AC

C.4 - terra argilosa castanha ou avermelhada, com raros vestígios de materiais atribuíveis ao Paleolítico Superior, alguns ossos humanos e fauna (0,50 m de potência);

C.3 - "terra rossa" estéril (1,00 a 5,00 m de potência);

C.2 - terra avermelhada escura com leitos de argila esverdeada, com indústrias do Paleolítico Médio e abundante fauna (0,50 m de potência).

Os restos faunísticos mais antigos provêm do depósito mais profundo e exibem frequentemente manchas manganíferas e intensa mineralização. Mesmo assim, foi possível datar uma amostra destes ossos, que deu o seguinte resultado, o qual é compatível com as indústrias recolhidas, ainda que a sua tipologia não seja completamente concludente:

ICEN 366 - 29 890 + 1130; -980 BP.

No que se refere às espécies presentes, os restos identificados indicam as seguintes presenças relativas:

*Cervus elaphus* - 29 %

*Bos primigenius* - 24 %

*Equus caballus* - 22 %.

As percentagens muito próximas destes ungulados indicam condições climáticas húmidas, favorecidas pela proximidade do Atlântico, e pouco rigorosas. Vastas planícies com herbácea desenvolver-se-iam ao longo da margem direita do Tejo, como a actual baixa de Loures, onde o auroque teria condições de vida privilegiadas, enquanto nas imediações, a cotas mais altas se distribuiriam maciços florestais, propícios à presença do veado; enfim, as áreas mais abertas e de solos pedregosos, correspondentes aos maciços calcários de maiores altitudes, seriam o domínio preferido do cavalo. A coexistência, num único local destas três espécies, e o baixo grau de fracturação dos ossos, evidencia intervenção antrópica muito limitada na formação do conjunto faunístico.

Outras espécies igualmente presentes devem ser registadas: é o caso do Rinoceronte (*Dicerorhinus hemitoechus*), espécie rara, explicável pela natural escassa densidade populacional efectiva, mas de ampla distribuição geográfica no território português, representada no caso por um astrágalo (Fig. 3).



Fig. 3 - Astrágalo de Rinoceronte (*Dicerorhinus hemitoecus*) da Pedreira das Salemas. Foto de C. Ladeira.

Assinala-se ainda a presença da cabra-montês, compatível com relevos calcários pedregosos de baixa altitude como são os presentes no local e do corço (Fig. 4). Com reservas, pode referir-se, enfim, a presença do Gamo (*Dama dama*), representado por uma primeira falange que, pela sua pequenez, pode ser atribuída a esta espécie.

Junta-se, assim aos restos identificados da Gruta Nova da Columbeira (igualmente mustierenses) e do Algar de João Ramos (datado pelo radiocarbono de 14 170 +/-330 BP), denotando clima pouco rigoroso (CARDOSO, 1989).

Entre os Carnívoros, merece destaque o Leão das Cavernas, extremamente raro em contextos paleolíticos do território português, como grande predador que é, requerendo por isso grandes territórios de caça, tendo estes restos sido já anteriormente publicados (ANTUNES e CARDOSO, 1987) (Fig. 5).



Fig. 4 - Metatársico de Corço (*Capreolus capreolus*) da Pedreira das Salemas. Foto de C. Ladeira.

Fig. 5 - Caninos de Leão das Cavernas (*Panthera (Leo) spelaea*) da Pedreira das Salemas. Fotos de C. Ladeira.

### Gruta do Correio Mor

Esta gruta revelou um conjunto importante de artefactos do Paleolítico Médio (mustierenses), tipologicamente bem definidos, contrastando com a quase ausência de fauna (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1987). Apenas um fragmento de dente lacteal de rinoceronte (*Dicerorhinus hemithoecus*) foi recuperado (Fig. 6), em associação com aquele conjunto. Importa sublinhar, com efeito, que esta espécie não teria resistido à degradação climática, no sentido do frio, que se fez sentir de forma cada vez mais intensa, a partir de cerca de 30 000 000 anos BP, pelo que a sua associação às referidas indústrias mustierenses encontra também confirmação por esta via. Importa ter presente que esta espécie não frequentou a gruta, explicando-se a presença deste dente pela actividade cinegética humana, escolhendo presas mais facilmente capturáveis (velhos ou juvenis, como é o caso em apreço).



Fig. 6 - Fragmento de dente de leite inferior de Rinoceronte (*Dicerorhinus hemithoecus*) da gruta do Correio Mor. Foto de J. L. Cardoso.

### 3 - O PALEOLÍTICO SUPERIOR

Nesta época, verifica-se a utilização das grutas e abrigos, possivelmente em continuidade do período antecedente, como locais de curtas residências partilhando homens e carnívoros (hienas, lobos e linces e gatos-bravos) alternadamente dos mesmos locais, sublinhando o padrão descontínuo de tais ocupações humanas, agravando a falta de informação consistente para a região em apreço. Nas jazidas em apreço, já não ocorrem alguns grandes carnívoros presentes anteriormente, como o Leão das Cavernas (*Panthera (Leo) spelaea*), decrescendo conjuntamente com a presença do Leopardo (*Panthera pardus*), presente também na Pedreira das Salemas, até ao seu desaparecimento talvez cerca de 20 000 BP (pleniglaciário wurmiano), à semelhança do que terá acontecido com a Hiena das Cavernas (*Crocota crocuta spelaea*), que se encontra presente em algumas das jazidas em apreço.

#### Gruta das Salemas

A gruta das Salemas (Fig. 7), situada a pouca distância da Pedreira das Salemas anterior e dela intervisível, corresponde a uma estreita fresta de natureza cársica, resultante do alargamento de diáclase, existente nos calcários apinhoados cretácicos a algumas dezenas de metros da jazida anterior, formando cornija, no topo da encosta esquerda do vale da ribeira de Loures.



Fig. 7 - Vista da entrada da gruta das Salemas, no decurso das escavações nela realizadas em 1960, correspondendo ao alargamento de uma diáclase. Arquivo O. da Veiga Ferreira/J. L. Cardoso.

A gruta foi totalmente explorada em duas campanhas, a primeira em Novembro de 1959, a segunda de Outubro a Dezembro de 1960. A estratigrafia indicou a presença de depósitos basais, argilosos e de coloração avermelhada, com materiais incaracterísticos atribuíveis ao Paleolítico Médio, sobrepostos por níveis amarelo-avermelhados e acinzentados com espólios do Paleolítico Superior.

Duas datações foram obtidas respectivamente para o nível atribuído ao Paleolítico Médio e à camada amarelo-avermelhada, que corporiza o Paleolítico Superior (CARDOSO, 1993):

ICEN - 379 - 24820 +/- 500 BP, o que reforça as reservas de atribuição dos espólios correlativos ao Paleolítico Médio; e ICEN - 376 - 20 250 +/- 320 BP.

Tal cronologia, porém não é segura, podendo tratar-se de resultado erróneo, obtido a partir de materiais misturados oriundos de vários níveis.

Com efeito a estratigrafia é complexa, agravada por transportes terrígenos realizados no interior da cavidade pela água corrente, que dificultam uma interpretação clara da sequência registada.

Resta como elemento seguro a tipologia dos materiais líticos, seguramente representativos de diversas etapas de ocupação no decurso do Paleolítico Superior acima referidas (Gravettense, Solutrense), a que se juntará um contexto proto-solutrense, definido por sete pontas de Vale Comprido ali identificadas por João Zilhão (ZILHÃO, 1997).

Assim, o que se pode dizer com segurança, é que cavidade constituiu, recorrentemente, abrigo de caçadores no decurso do Paleolítico Superior, que alternaram a sua presença com a de carnívoros de médio e pequeno porte, como o lince e o gato-bravo.

Os materiais faunísticos das unidades estratigráficas presentes na gruta não evidenciam assinaláveis diferenças qualitativas entre si, provindo essencialmente da unidade mais antiga. No total, os 146 restos identificados, distribuem-se pelas seguintes três espécies mais abundantes da seguinte forma (CARDOSO, 1993):

*Cervus elaphus* - 30 %

*Rupicapra rupicapra pyrenaica* - 7 %

*Sus scrofa* - 5 %.

Esta associação é, à partida, pouco coerente e só se explica por ser de carácter antrópico. A camurça (*Rupicapra rupicapra pyrenaica*) (Fig. 8), indica clima frio e, de certo modo, húmido, e solos pedregosos, como os ali existentes; assim, poder-se-ia aceitar a hipótese de existirem manchas florestais na região, já admitidas no que respeita à Pedreira das Salemas, onde se acantonariam essencialmente o veado e o javali, além do lince e do gato-bravo, e onde a camurça poderia ocorrer em períodos de maior rigor climático. Estão ainda presentes outros taxa, destacando-se o corço (*Capreolus capreolus*) e a cabra-montês (*Capra pyrenaica*), ambos indicadores de condições tem-

peradas-húmidas e o urso, a confirmar-se que uma zagaia, que foi atribuída, do ponto de vista tipológico ao Perigordense, executada em osso peniano daquela espécie (CARDOSO & GOMES, 1994) (Fig. 9).



Fig. 8 - Fragmento de hemimandíbula de Camurça (*Rupicapra rupicapra*) da gruta das Salemas. Foto de C. Ladeia.



Fig. 9 - Zagaia da ocupação perigordense da gruta das Salemas, executada em osso peniano de urso (*Ursus arctos*). Arquivo O. da Veiga Ferreira/J. L. Cardoso.

#### Gruta do Pego do Diabo (ou Loca do Gato)

Esta cavidade corresponde a uma estreita galeria cársica, aberta em cornija existente nos calcários apinhoados do Cretácico cerca de 2 km SW da gruta das Salemas, na parte superior da encosta direita da ribeira de Loures. Com o comprimento de cerca de 13 m, os trabalhos mais relevantes e recentes foram os efectuados em 1988, deles tendo resultado uma escassa colecção faunística estudada pelo signatário (CARDOSO, 1993), constituída por apenas 59 restos (apenas os adequados para estudos osteométricos). Mais tarde, a amostragem foi alargada, dando origem a trabalho mais extenso (VALENTE, 2000; 2004).

A estratigrafia foi definida por João Zilhão (ZILHÃO, 1997), atribuindo-se o nível basal ao Paleolítico Médio (Camadas 3 e 4).

A presença na Camada 2, datada de cerca de 28 000 anos BP, de algumas lamelas de dorso levou João Zilhão a atribuir o conjunto ao Aurignacense, enquanto a Camada 1 integra materiais de diversas épocas, modernos e plistocénicos.

A espécie mais abundante e, conforme o verificado nas estações próximas, é o veado. Esta predominância sugere clima relativamente húmido e zonas florestais próximas, na continuidade imediata do clima globalmente pouco rigoroso dos tempos anteriores do Paleolítico Médio. Já no estudo do signatário de 1993 se sublinhou que a segunda espécie mais abundante, dos escassos 59 restos então observados é o linco, tal como na gruta das Salemas, indicando ter a gruta servido de abrigo àquele Carnívoro, de hábitos predominantemente florestais, em alternância com os grupos humanos que escassamente a procuraram no início do Paleolítico Superior.

A reapreciação da totalidade do conjunto faunístico plistocénico, feita por M. J. Valente permitiu identificar 450 restos ao nível da espécie, distribuídos por diversos taxa. Os carnívoros representam um grupo de assinalável diversidade, estando representados a raposa, o lobo, o urso pardo, a hiena, o lince ibérico, o texugo e um mustelídeo indeterminado. Crê-se que foram estes animais os responsáveis pela larga maioria dos restos de coelho e de lebre ali identificados em grande quantidade, já que os mesmos só excepcionalmente exibem marcas antrópicas (marcas de fogo), estando ausentes as marcas de corte e a fractura intencional dos ossos. Os animais que seriam caçados indistintamente por carnívoros e pelo homem - talvez principalmente pelos primeiros, já que, segundo o escavador mais recente da cavidade (João Zilhão), esta só esporadicamente teria sido ocupada por grupos humanos pouco numerosos que ali organizaram ou repararam o seu equipamento de caça - correspondem às espécies seguintes: javali, veado, cabra-montês, camurça e cavalo. É interessante a identificação da camurça, já presente na vizinha gruta das Salemas, correspondente ao intervalo de degradação climática verificado entre 28 000 e 20 000, BP, que culminou pouco depois no pleniglaciário wurmiano, correspondente ao máximo de frio.

#### 4 - O NEOLÍTICO ANTIGO

Até época recente, admitia-se que a presença das mais antigas presenças neolíticas na Baixa Estremadura seriam relativamente recentes, pois a progressão ter-se-ia processado a partir do Maciço Calcário área onde ocorreriam as ocupações neolíticas mais antigas, o que seria conforme à teoria da Colonização Marítima Pioneira, apresentada por João Zilhão, sobretudo com base nos resultados obtidos na gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 1992) e que faria daquela área a mais adequada para a fixação dos primeiros colonos neolíticos oriundos do Mediterrâneo. Nos últimos anos, contudo, tem-se vindo a verificar que algumas estações da Baixa Estremadura se revalaram com cronologias absolutas pelo menos tão antigas como as obtidas na região do Maciço Calcário, o que leva a reconsiderar tal modelo explicativo.

##### Povoado do Carrascal (Oeiras)

Neste povoado localizado na encosta direita da ribeira de Barcarena (Fig. 10), de características peri-anuais constituindo assim local habitado ao longo de todo o ano, como sugere a presença de grandes vasos para armazenamento e de elementos de moagem, recolheu-se um conjunto faunístico constituído por restos de animais domésticos: caprinos e bovinos, a par da caça: auroque, javali e coelho. A presença de um conjunto de cerâmicas cardiais, embora escasso (Fig. 11), é compatível com a cronologia obtida, na transição do Neolítico Antigo Pleno para o Neolítico Antigo Evolucionado..



Fig. 10 - Vista parcial da estação do Neolítico Antigo de Carrascal, no decurso das escavações. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 11 - Cerâmicas cardiais recolhidas na estação do Neolítico Antigo de Carrascal. Fotos de J. L. Cardoso, desenhos de B. L. Ferreira.

As seis datas de radiocarbono obtidas por AMS para a camada basal, do Neolítico Antigo são coerentes e indicam que o sítio foi ocupado ao longo do último quartel do VI milénio cal. BC (CARDOSO, 2011, 2015 a).

Assim sendo, a presença dos referidos animais domésticos – cujo conjunto ainda não foi detalhadamente estudado – ilustra a presença, na região, dos mais antigos bovinos domésticos até agora documentados, a par de caprinos, embora estes tenham sido identificados em Lameiras (ovelhas) em época ligeiramente anterior, correspondente ao terceiro quartel do VI milénio cal BC (DAVIS e SIMÕES, 2015), numa economia onde a caça e a recolção de moluscos mantinha plena importância, no caso dominada pela recolção de *Ostra* no pequeno estuário então formado entre a ribeira de Barcarena e o rio Tejo.

## 5 - O NEOLÍTICO FINAL E O CALCOLÍTICO

A informação obtida reporta-se quase exclusivamente ao povoado do Neolítico Final e do Calcolítico de Leceia, cuja importância é evidenciada também pelas conclusões que o estudo dos milhares de restos faunísticos nele recolhidos proporcionaram.

### Vila Pouca

Das escavações realizadas por Irisalva Moita nesta estação situada no limite da serra de Monsanto, sobre o vale de Alcântara, e por aquela publicada (MOITA, 1967), provêm diversos restos ósseos preservados no Museu da Cidade. Não existem quaisquer informações sobre as condições de recolha dos mesmos, tratando-se seguramente de conjunto incompleto.

O pequeno estudo publicado (ANTUNES e CUNHA, 1994) indica a presença, para além de um fémur humano, de um metatarso direito de *Bos taurus* completo, de um fémur esquerdo quase completo de *Equus caballus*, e de um rádio e cúbito direitos soldados, de asinino indeterminado.

O bom estado de conservação das peças sugere que teriam sido as únicas recolhidas no decurso das escavações, talvez para efeitos expositivos, numa altura em que havia ainda muitos arqueólogos que, confrontados com a elevada quantidade de faunas recuperadas de contextos arqueológicos, especialmente os de índole habitacional, infelizmente não as guardavam.

### Leceia

A extraordinária abundância do registo faunístico recuperado neste povoado permitiu o estabelecimento de comparações entre os contextos do Neolítico Final e os do Calcolítico Inicial e Pleno/Final, suportadas por um número significativo de elementos determinados (CARDOSO e DETRY, 2001/2002).

Os ungulados domésticos ocupam em ambos os contextos larga predominância: mas, enquanto no Neolítico Final se observa um predomínio relativo, em termos do Número de Restos Determinados (NRD) a nível específico dos grandes bovinos sobre os caprinos (ovelhas e cabras), já no Calcolítico essa situação inverte-se, com o predomínio dos caprinos sobre os bovinos. Tal realidade, que não se observa no Zambujal, revela que cada povoado constituía um caso específico, pelas condicionantes naturais que determinavam as actividades dominantes dos seus habitantes, não sendo tais resultados generalizáveis, mesmo tratando-se de sítios próximos.

A situação tem paralelos, também, no registo arqueológico, evidenciando certas produções cerâmicas particularismos inerentes à vida económica de cada sítio (caso da presença diferenciada, dos pesos de tear e dos cinchos, observada em sítios integrados em contextos geográficos e naturais semelhantes, como Leceia, o Outeiro Redondo e Moita da Ladra), que revelam particularidades das actividades domésticas dominantes observadas em cada um deles.

No caso de Leceia, a importância dos bovinos, logo no Neolítico Final, decorre da sua utilização secundária como força de tracção a carros e a arados, mais do que na alimentação. É lícito admitir que no Calcolítico a situação do arroteamento de terras em torno da área habitada tivesse conhecido uma certa estabilização, ou mesmo um decréscimo, do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno, que poderá eventualmente correlacionar-se com o esgotamento agrícola dos solos, tendo presentes as técnicas disponíveis na época. Lembre-se que esta foi uma causa, invocada por diversos autores, para que o modelo calcolítico pré-campaniforme, baseado na concentração da população em centros demográficos fortificados de primeira importância à escala regional tivesse fracassado (CARDOSO, 1998).

O burro doméstico foi identificado, pela primeira vez, no Calcolítico peninsular, em Leceia. Trata-se de um dente jugal inferior oriundo de contexto do Calcolítico Pleno/Final (Fig. 12). A datação de radiocarbono realizada por acelerador e o estudo morfológico e genético deste exemplar (CARDOSO *et al.*, 2013) não deixaram dúvidas quanto a essa conclusão, com consequências importantes para a reconfiguração das relações do ocidente peninsular com o Mediterrâneo oriental de onde o burro doméstico provém – no decurso do 3.º milénio cal BC, a par de outras evidências, como o marfim asiático, presente em Los Millares (CARDOSO e SCHUHMACHER, 2012).

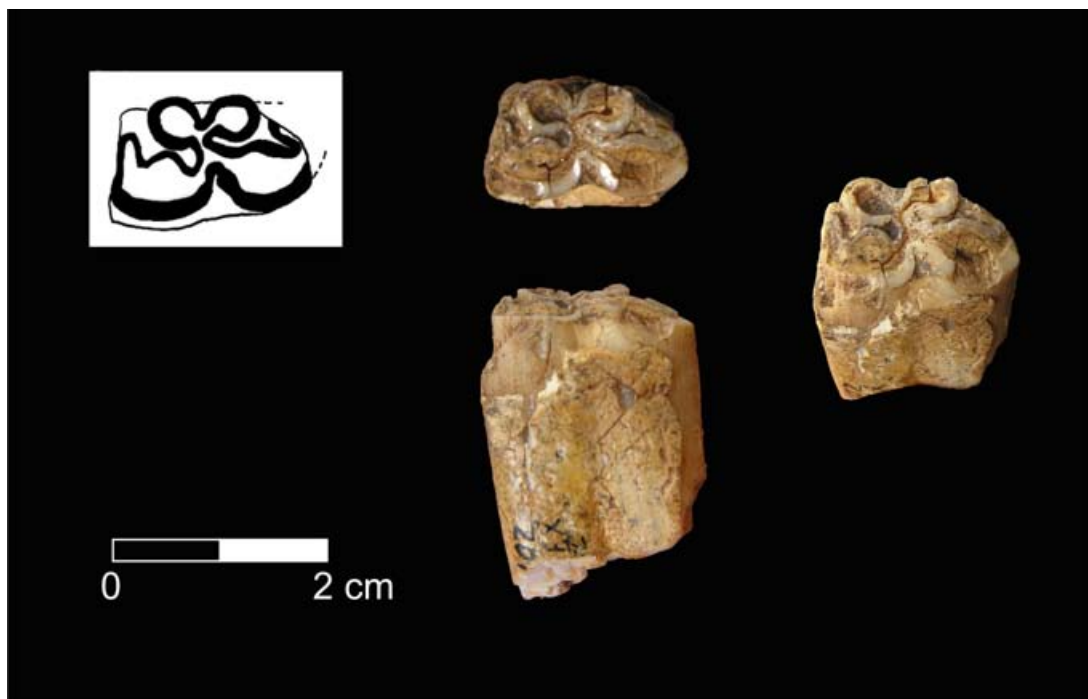


Fig. 12 - Dente jugal inferior de burro (*Equus asinus*) do povoado calcolítico de Leceia. Fotos de J. L. Cardoso; desenho de B. L. Ferreira.

A par da fauna doméstica, ocorrem espécies caçadas, como o veado e o auroque e, excepcionalmente, o linco, a raposa e o urso, sendo os dois primeiros caçados para o aproveitamento de peles e o último taxone, também para a alimentação, como se verificou até aos alvares da Idade Moderna, conforme se documentou no castelo de Leiria (CARDOSO, 2001), sendo as mãos grelhadas de urso consideradas um petisco. Quanto ao veado, a sua presença é sempre muito baixa, entre 1 e 2% do total do NRD, embora se afigure quase constante, entre o Neolítico Final e o final do Calcolítico.

A presença de javali foi também demonstrada pela ocorrência de algumas peças características (como os caninos), mas a larga maioria dos restos não permite diferenciação com o porco doméstico, como é sabido.

Em Leceia estudaram-se ainda os restos de outros carnívoros (para além do gato bravo, de presença residual (apenas a porção distal de um úmero na Camada 3, do Calcolítico Inicial), não necessariamente relacionada com a ocupação humana do sítio. Identificaram-se diversos restos de cão doméstico, os quais sugerem a existência de duas raças diferenciadas, pelo comprimento do focinho, e a sua semelhança dimensional com a de certas raças portuguesas actuais. Aparentemente, o seu estatuto afigura-se paradoxal: é uma espécie de trabalho, sem qualquer conotação especial e, no entanto, os seus restos apresentam-se muito fracturados, com marcas antrópicas: marca de corte por faca na zona posterior de uma hemimandíbula (Fig. 13) e outras resultantes da acção animal (extremidades de cúbito de linco e de cão, e de fémur e úmero de cão roídas ou com marcas punctiformes devido à acção dos caninos deste animal, sugerindo abandono *post-mortem* e consumo secundário em contexto doméstico por outros cães (PIRES, CARDOSO e PETRUCCI-FONSECA, 2001/2002).



Fig. 13 - Marcas de corte observadas em hemimandíbula de cão (*Canis familiaris*) do povoado calcolítico de Leceia. Desenho de F. Pires.

## 6 - A IDADE DO BRONZE

Na região de Lisboa reconheceram-se diversas estações da Idade do Bronze.

### Tapada da Ajuda

A estação do Bronze Final da Tapada da Ajuda corresponde a um povoado aberto do Bronze Final (Fig. 14), que se espraiava por encosta de relevo pouco acentuado, voltada para o estuário do Tejo

As datações efectuadas indicam ocupação situável entre o século XII e o século X a.C. A natureza basáltica do substrato geológico permitiu a conservação de faunas mamalógicas e de moluscos. As primeiras, estudadas ainda de forma não completa (CARDOSO *et al.*, 1986) revelam, no que respeita aos animais domésticos, e em termos de número mínimo de indivíduos (NMI), o domínio dos caprinos (4 indivíduos, 3 jovens e 1 adulto), seguidos do boi doméstico (3 adultos) e do porco (1 subadulto), para além do cão (1 adulto) (Fig. 15). A fauna caçada está representada por um veado e um coelho, ambos adultos. Tendo presente a relação de um bovino de raça não melhorada, como a mertolenga, para sete a oito caprinos, facilmente se conclui que o contributo cárnico dos primeiros era dominante, mesmo atendendo a que a presença daqueles animais se explicaria, sobretudo, pela força de tracção por eles oferecida, bem como pelo leite.



Fig. 14 - Vista da encosta basáltica onde se implantou, no Bronze Final, o povoado da Tapada da Ajuda, sendo visível ao centro o local das escavações realizadas. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 15 - Hemimandíbula de cão (*Canis familiaris*) do povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. Foto de J. L. Cardoso.

O contributo cinegético é secundário, indicando contudo a existência de indivíduos que, no seio da comunidade fortemente polarizada pela economia agro-pecuária, praticavam tal actividade.

Com efeito, avultam as evidências da prática de intensa produção cerealífera, como documentam as centenas de elementos de foice de sílex recolhidos, indicando cultivo intensivo dos férteis terrenos basálticos existentes no próprio local, cujas produções ultrapassavam largamente as necessidades locais - tornando outrossim a sua distribuição regional como um dado adquirido, para o que concorreria a existência bovinos, e da sua consequente atrelagem para transporte de tais mercadorias. Por outro lado, a presença do cão justifica-se, como animal de guarda e de pastoreio

#### Moita da Ladra 2

Neste sítio de carácter ritual (Fig. 16 ), documentou-se a presença de ossos de veado e de caprinos, que exibem intensas marcas de fogo (Fig. 17), associados à reutilização de grandes recipientes, que serviam de “cama” para as combustões sobre eles efectuadas (CARDOSO, 2013). Num depósito mais complexo e heterogéneo, situado a escassos metros, e que foi já interpretado pelo signatário como possível *bothros* de um santuário existente no local (CARDOSO, 2015 b), a par de um elevado número de recipientes e outros objectos (incluindo peças de bronze) recuperaram-se alguns ossos em conexão anatómica, entre os quais dois membros anteriores de caprino e a extremidade distal de um membro de bovino (MONTEIRO e PEREIRA, 2013). Tudo indica que constituíam os restos de

oferendas, ulteriormente acumuladas naquele local, à semelhança do verificado ulteriormente, em santuários da Idade do Ferro, como o de Garvão (BEIRÃO *et al.*, 1983).



Fig. 16 - Vista geral do local do depósito ritual do Bronze Final de Moita da Ladra 2. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 17 - Esquírolas de ossos de veado (*Cervus elaphus*) e de caprinos (*Ovis/Capra*) com marcas de fogo, provenientes dos depósitos rituais do Bronze Final de Moita da Ladra 2. Foto de J. L. Cardoso.

### Abrunheiro

Neste casal agrícola do Bronze Final, datado pelo radiocarbono entre inícios do século IX e a 2.<sup>a</sup> metade do século seguinte (CARDOSO, 2010/2011), implantado, tal como o sítio anterior, em suave encosta constituída por solos basálticos do Complexo Vulcânico de Lisboa (Fig. 18), recolheu-se num recipiente tapado com placa calcária, um conjunto de restos de um caprino subadulto (Fig. 19), o qual pode ser conotável com práticas propiciatórias envolvendo o sacrifício de um cordeiro, parcialmente colocado no referido recipiente e enterrado em sector deste espaço doméstico.



Fig. 18 - Vista da encosta basáltica onde se implantou no Bronze Final, o casal agrícola de Abrunheiro. Foto de G. Marques.



Fig. 19 - Restos de caprino (*Ovis/Capra*) do casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro, depositados ritualmente no interior de um recipiente cerâmico. Foto de J. L. Cardoso.

#### Cabeço do Mouro

A chaminé basáltica onde, no Bronze Final, se implantou este povoado, encontra-se actualmente totalmente urbanizada, pelo que já não é possível efectuar ali qualquer intervenção arqueológica. Já a adjacência da elevação, em vias de estar igualmente ocupada por edificações permitiu, em escavação realizada numa destas parcelas antes da urbanização da mesma, a identificação de um silo escavado no substrato margoso (Fig. 20), que forneceu materiais cerâmicos e outros, do Bronze Final, a par de um pequeno conjunto faunístico, que permitiu datação absoluta. O resultado obtido situa a ocupação agrícola daquela área, por certo relacionada com o povoado de altura que a dominava, entre a segunda metade do século X e os finais do século IX a.C., para cerca de 95% de probabilidade (CARDOSO, 2006). O referido conjunto integrava restos de *Bos taurus* e de *Ovis/Capra*, muito fragmentados e com abundantes marcas de fogo, evidenciando o pastoreio de tais animais no próprio local.



Fig. 20 - Silo do Bronze Final escavado no substrato margoso identificado no sopé da elevação onde se implantou o povoado do Cabeço do Mouro, no qual se recolheram restos de *Bos taurus* e de caprinos (*Ovis/Capra*). Foto de F. Martins.

## 5 - CONCLUSÕES

Ao longo desta contribuição, foi possível evidenciar o papel determinante que os grandes e médios mamíferos tiveram no quotidiano, mesmo na sobrevivência dos grupos humanos que por este vasto território circularam no decurso do Paleolítico e, depois, aqui se estabeleceram nos tempos neolíticos e ulteriores, até ao final da Pré-História.

Embora a razão essencial da ocorrência dos conjuntos estudados esteja directamente relacionada com a própria sobrevivência das respectivas comunidades que os caçaram ou apascentaram, podem fornecer outras indicações mais precisas do ponto de vista económico-social, revelando algumas das características das respectivas comunidades, além de constituírem nalguns casos indicadores ecológicos e paleoclimáticos relevantes. Estão neste caso algumas das espécies extintas

para a Ciência ou apenas no território português, como aquelas que foram identificadas em diversas jazidas paleolíticas acima caracterizadas.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M. T. e CARDOSO, J. L. (1987) – O Leão das Cavernas, *Panthera (Leo) spelaea* (GOLDFUSS, 1810) em Portugal. *Da Pré-História à História (homenagem a O. da Veiga Ferreira)* Lisboa: Delta, p. 73-81.
- ANTUNES, M. T. e CUNHA, A. S. (1994) – Vila Pouca: nota sobre o espólio ósseo. *Al-madan*. Almada. Série II, 3, p. 36-37.
- BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T.; SOARES, J.; GOMES, M. V. & GOMES, R. V. (198) - Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 3, p. 45-136.
- CARDOSO, J. L. (1989) – Le Daim dans le Pléistocène du Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 75, p. 111-118.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico superior de Portugal*. Dissertação de doutoramento apresentado à Universidade Nova de Lisboa. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1998) – O povoado fortificado pré-histórico de Leceia (Oeiras), exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III milénio a. C. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 16, p. 97-110.
- CARDOSO, J. L. (2001) – *Sobre a presença do urso em Portugal, a propósito de uma peça do castelo de Leiria. Torre de Menagem do castelo de Leiria*. Leiria; Câmara Municipal de Leiria, p. 40-55.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011) – O casal agrícola do Bronze Final do Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2011) – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). In Bernabeu, J.; Rojo, M. A.; Molina, Ll., coords., *Las primeras producciones cerámicas: el VI milénio cal a.C. en la Península Ibérica*. Saguntum Extra. 12. Valência, p. 259-262.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), um sítio ritual do Bronze Final da região de Lisboa. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto. 12, p. 49-67 (Homenagem a Armando Coelho Ferreira da Silva).
- CARDOSO, J. L. (2015 a) – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). 5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2010). *Actas*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Estudos & Memórias, 8), p. 159-168.
- CARDOSO, J. L. (2015 b) – Between the Atlantic and the Mediterranean: the Late Bronze Age around the Tagus estuary (Portugal). Economic, social and cultural aspects. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Firenze. 65, p. 149-170.
- CARDOSO, J.L. e DETRY, C. (2001/2002) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 131-182.
- CARDOSO, J. L. e GOMES, M. V. (1994) – Zagaiais do Paleolítico Superior de Portugal. *Portugália*. Porto. 15, p. 7-31.
- CARDOSO, J. L. e SCUHMACHER, T. X. (2012) – Marfiles calcolíticos en Portugal. Estado de la cuestión. Elfenbeinstudien. Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterráneo occidental. *Actas del coloquio internacional en Alicante el 26 y 27 noviembre 2008*. Darmstadt/Mainz :Verlag Philipp von Zabern, p. 95-110 (Iberia Archaeologica Band 16 Faszikel 1).
- CARDOSO, J. L.; VILSTRUP, J.; EISENMAN, V. e ORLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*. Lisboa. Série II, 15: 3-18..
- DAVIS, Simon J. M.; SIMÕES, Teresa (2016) – The velocity of ovis in prehistoric times: the sheep bones from Early Neolithic Lameiras, Sintra, Portugal. In: DINIZ, Mariana; NEVES, César; MARTINS, Andrea, coord., *O Neolítico em Portugal antes do Horizonte 2020: Perspectivas em debate*. AAP Monografias: 2. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 51-66.

MOITA, I. (1967) - Povoado neolítico de Vila Pouca Serra do Monsanto. *Revista Municipal. Lisboa.* 112/113, p. 48-85.

MONTEIRO, M. e PEREIRA, A. (2013) - Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): síntese dos trabalhos realizados e resultados preliminares. *Cira-Arqueologia.* Vila Franca de Xira. 2, p. 63-94.

PIRES, F.; CARDOSO, J. L. e PETRUCCI-FONSECA, F. (2001/2002) - Estudo arqueozoológico dos carnívoros do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras.* Oeiras. 10, p. 183-247.

VALENTE, M. J. (2000) - *Arqueozoologia e tafonomia em contexto paleolítico: a gruta do Pego do Diabo (Loures)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VALENTE, M. J. (2004) - Humanos e carnívoros no Paleolítico Superior inicial em Portugal: arqueozoologia e tafonomia da gruta do Pego do Diabo (Loures). *Promontoria.* 2, p. 107-141.

ZILHÃO, J. (1997) - *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa.* 2 vols. Lisboa: Edições Colibri.